

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 4

O ALIMENTO NO DESERTO

1. ORAÇÃO

Senhor, Tu que nos amas mais que as aves do céu e que os lírios do campo, sê o nosso alimento nos desertos da nossa vida, despertai em nós o desejo de santidade e não permitais que nos afastemos de vós, para que comendo-Te, vivamos de Ti, caminhemos para Ti, cheguemos a Ti e descansemos em Ti. Pai Nosso...

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra

Êxodo 16,1-21

O texto que escutámos desenvolve-se no deserto de Sin, a região situada entre Elim e o Monte Sinai e apresenta mais uma das murmurações do povo, cujo duplicado se pode encontrar em Nm 11,4-34.

Se antes tinham murmurado por causa da falta de água, agora, murmuram pela falta de comida, dizendo que sentem saudades dos manjares que, utopicamente, tinham comido no Egipto. Dizem que ali tinham carne e pão em abundância. Diante das queixas do povo – a murmuração, no deserto, é uma constante -, o Senhor promete ajuda. O maná e as codornizes servirão de alimento para o povo. Ambos são fenómenos correntes na península do Sinai.

O maná é uma secreção doce produzida pela planta de tamarisco ao ser picada por duas espécies de insetos da região. Esta substância escorre desde as folhas da planta até ao solo, onde se solidifica no contacto com o ar fresco da noite do deserto. Deve recolher-se antes que o sol a derreta. Os beduínos, que habitam a região, consideram este maná doce uma guloseima. As codornizes voam anualmente para o Sul, nos meses de setembro e outubro, procedentes do Norte da Europa e da Escandinávia. Em maio e junho, empreendem a viagem de regresso. Os seus largos voos sobre a água, obrigam-nas a aterrar exaustas na Península do Sinai, onde se torna relativamente fácil capturá-las.

O maná só podia ser recolhido um pouco mais de um quilo por pessoa e por dia. Aos sábados, e com vista ao descanso do dia santo, podia-se recolher o dobro. Deviam guardar numa urna especial uma quantidade de maná para recordar às gerações sucessivas o especial cuidado de Deus pelo seu povo (cf. Ex 16,32-34).

Apesar da rebelião contra o Senhor, ao pedir-Lhe provas, quando já lhes tinha dado tantas, e apesar de blasfémia, porque acusam de traidor o Deus que os salvou, a mensagem é, sobretudo, de esperança. Os líderes, Moisés e Aarão, asseguram que o Senhor os alimentará e que verão a sua glória, para que acreditem. Todo o episódio é marcado pela presença da “glória” do Senhor. Estes dons divinos, o pão e a carne, são sinais que, como as pragas, devem conduzir à fé. Através deles se contempla a glória do Senhor e a sua proteção para com o seu povo.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica, *Sacramentum Caritatis*, diz que, na Eucaristia, Jesus não dá «alguma coisa», mas dá-Se a Si mesmo; entrega o seu corpo e derrama o seu sangue. Deste modo, dá a totalidade da sua própria vida, manifestando a fonte originária deste amor: Ele é o Filho eterno que o Pai entregou por nós (cf. SC 7).

O maná, no deserto, é já símbolo de um alimento maior, de um amor maior, de uma entrega maior, de um pão de vida eterna.

Vamos, de seguida, meditar na Palavra que acabámos de escutar.

1) Partiram de Elim e toda a comunidade dos filhos de Israel chegou ao deserto de Sin, (...), após a sua saída da terra do Egipto. (v.1) A nossa fé não é estática, mas extática... vivemos em saída, em êxodo. Deus faz sair o povo do Egipto e liberta-o de tudo o que o oprimia. Também nós somos convidados a viver em saída. A sairmos de tudo o que nos oprime e escraviza. Qual é o êxodo que Deus te pede para iniciares? Uma amizade tóxica, um pensamento?!

Chegam ao deserto! O deserto é o local do grande silêncio. Lugar do distanciamento de tudo o que é ruído, de tudo o que é barulho que nos rodeia. Daí ser um lugar de recolhimento, de purificação e de uma verdadeira intimidade, onde reconheço o que me é essencial: o amor do Senhor e a sua missão para mim. O deserto recorda-nos a importância de renunciar a palavras inúteis, para escutarmos a voz do bem, a Palavra de Deus. Só à luz da Palavra de Deus se tornam claras todas as inclinações do coração e caem as duplicidades da alma

2) Toda a comunidade dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Aarão. Os filhos de Israel disseram-lhes: «Quem dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egipto, quando estávamos descansados junto da panela de carne, quando comíamos com fartura! (vv. 2-3) Num momento de cansaço, de desolação, o povo esquece todas as maravilhas que Deus fez em seu favor e começam, a uma só voz, a murmurar. Murmurar, expressão da sua incredulidade, não consiste, apenas, em negar a existência de Deus, mas em não reconhecer os sinais e os testemunhos da Palavra divina, em não lhe obedecer. Temos por hábito murmurar? Em que situações?

Todavia, não eram maus, mas havia o cansaço da viagem, a fome que se fazia sentir e uma viagem, cujo o fim não se via. Isto não é uma ilusão. Também nos pode acontecer dizer: basta! Não quero mais isto! Vou voltar para trás, para a vida que tinha antes. O que o povo, rapidamente, esqueceu é que comiam aquela carne e aquele pão à mesa da escravidão. Naqueles momentos

de tentação, eles recuperavam a memória, mas uma memória doentia. Uma memória escrava, não livre. A tentação começa aí, quando começa a ver aquilo que deixaste e que parecia tudo tão fácil. E, num instante, o teu coração cansado, deprimido, é, também, envenenado.

3) O Senhor disse a Moisés: «Eis que vou fazer chover do céu pão para vós. O povo sairá e recolherá em cada dia a porção de um dia. (v.4) Diante das murmurações do povo, como reage o Senhor? Com compaixão, com misericórdia: faz chover do céu pão para o povo. Tinha todos os motivos para castigar, para repreender, mas decide amar, decide dar vida. É assim com quem ama, com quem é amor. Decide ser e trazer mais vida na vida do povo. Dar vida e dar a vida é vivê-la tal como ela é na sua essência: generosa. Cuidar da existência do outro com a sua vida. Sou generoso? Como reajo diante das injustiças? Trago mais vida à vida dos outros?

4) Moisés disse a Aarão: «Diz a toda a comunidade dos filhos de Israel: Aproximai-vos do Senhor, porque Ele ouviu as vossas murmurações. (v.9) É este o segredo: aproximai-vos do Senhor. No deserto, aproxima-te do Senhor e não te afastes dele. O povo, pela murmuração, virou as costas e o coração ao Senhor. Mas, sem Ele, não têm nada e caminham sem rumo. Tens por hábito aproximares-te do Senhor? Como o fazes? A oração, a confissão, a eucaristia, a prática de boas obras são formas de nos aproximarmos do Senhor.

5) Enquanto Aarão falava a toda a comunidade dos filhos de Israel, eles voltaram-se para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem. (v.10) Ao voltarem-se para o deserto viram a glória do Senhor. Perceberam que Deus nunca os tinha abandonado, escutou todos os seus lamentos e sabia de todas as dificuldades. Sob uma nuvem, o povo percebeu, mais uma vez, que não estavam sós. Deus é um Deus conosco.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

No deserto, o povo vê, apenas, as dificuldades e, desta forma, a desolação ganha um peso enorme, incapaz de se suportar. Não conseguem ver a presença

de Deus ao longo de todo o processo. As maravilhas que Deus foi realizando foram totalmente esquecidas. Tudo depende da maneira de ver as coisas, do fazer memória, sabendo que Deus nunca abandona o seu povo. O grande desafio é voltar sempre ao essencial, à experiência da dependência de Deus, sobretudo quando a vida estava nas Suas mãos, para que se possa compreender que nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Diante disto, cada um de nós pode interrogar-se: qual é a minha memória? A do Senhor que me salva, ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio a minha alma? O Senhor diz a Moisés: «Eis que vou fazer chover do céu pão para vós» (16,4). Recuperemos a memória! Eis a tarefa, recuperar a memória. E aprendamos a reconhecer o pão falso que ilude e corrompe, porque é fruto do egoísmo, da autossuficiência e do pecado.

Além da fome física, o homem sente outro tipo de fome, uma fome que não pode ser saciada com o alimento comum. Trata-se da fome de vida, fome de amor, fome de eternidade. E o sinal do maná — como toda a experiência do êxodo — continha em si também esta dimensão: era figura de um alimento que satisfaz esta fome profunda que o homem sente. Jesus concede-nos este alimento, aliás, Ele mesmo é o pão vivo que dá vida ao mundo (cf. Jo 6, 51). O seu Corpo é o verdadeiro alimento, sob a espécie do pão; o seu Sangue é a verdadeira bebida, sob a espécie do vinho. Não se trata de um simples alimento com o qual saciar os nossos corpos, como no caso do maná; o Corpo de Cristo é o pão dos últimos tempos, capaz de dar vida, e vida eterna, porque a substância deste pão é o Amor.

Se olharmos ao nosso redor, damos-nos conta de que existem muitas ofertas de alimento que não derivam do Senhor e que aparentemente satisfazem em maior medida. Alguns nutrem-se de dinheiro, outros de sucesso e de vaidade, outros ainda de poder e de orgulho. Mas o único alimento que nos nutre verdadeiramente e que nos sacia é aquele que o Senhor nos concede! O alimento que o Senhor nos oferece é diferente dos demais, e talvez não nos pareça tão saboroso como determinadas comidas que o mundo nos oferece.

Então, sonhamos outras refeições, outros alimentos como os hebreus no deserto. Hoje, cada um de nós pode perguntar-se: e eu? De que mesa me desejo alimentar? Da mesa do Senhor? Sonho em comer alimentos saborosos, mas na escravidão?

O maná é um alimento que Deus deu a Israel durante a caminhada pelo deserto. Não importa tanto definir a sua natureza, mas sim captar o seu valor simbólico. O maná é, para o povo, o meio de mostrar a sua obediência para com Deus e a sua confiança na sua palavra (cf. 16,16-30).

O verdadeiro pão “vindo do céu” não é o maná que deixava morrer, mas sim o próprio Jesus (cf. Jo 6,32s) que se recebe pela fé. Este pão é a sua carne dada “para a vida do mundo” (cf. Jo 6, 51-58).

Comungando do pão misterioso da refeição eucarística, o cristão responde a um sinal de Deus e atesta a sua fé na sua Palavra vinda do céu. Na Eucaristia comunica-se o amor do Senhor por nós: um amor tão grandioso que nos nutre com Ele mesmo; um Amor gratuito, sempre à disposição de cada pessoa faminta e necessitada de regenerar as próprias forças. Viver a experiência da fé significa deixar-se alimentar pelo Senhor e construir a própria existência não sobre os bens materiais, mas sobre a realidade que não perece; os dons de Deus, a sua Palavra e o seu Corpo.

5. ORAÇÃO

Senhor, Pai Santo, queremos dar-Te graças por nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Pão da vida, pois o seu Corpo, por nós imolado, é alimento que nos fortalece e o seu Sangue, por nós derramado, é bebida que nos purifica. Fazei, Senhor, que recebamos, em cada Eucaristia, a plenitude da caridade e da vida. Pai-Nosso...